Leviathan | Cadernos de Pesquisa Política

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

Análise introdutória sobre um elemento da qualidade da democracia brasileira contemporânea: a ascensão política de Olavo de Carvalho como um possível reflexo da desconfiança política e da falta de *accountability*

Mário Jorge de Paiva[1]

https://orcid.org/0000-0001-7158-4371

Resumo

O presente artigo deseja discutir a importância do escritor/polemista Olavo de Carvalho dentro de um quadro da política recente do Brasil. Nossa hipótese é que suas ideias radicais encontraram solo fértil, pois existem relevantes problemas envolvendo a qualidade da democracia em nosso país. Nossa análise será pautada por uma investigação política qualitativa e através de um aporte teórico envolvendo os termos *accountability* e *confiança/desconfiança política*, veremos como há uma ambivalência de Carvalho, enquanto uma figura pública com certo nível de influência, no que tange às instituições democráticas existentes.

Olavo de Carvalho; Desconfiança Política; *Accountability*; Cultura Política; Instituições Políticas.

Abstract

Analyzing the quality of Brazilian democracy: the rise of Olavo de Carvalho as a reflection of political mistrust and lack of accountability

This article aims to understand the importance of the writer/polemist Olavo de Carvalho within a framework of recent politics in the country. Our hypothesis is that their radical ideas found fertile soil, at a time when there are currently major problems involving the quality of democracy in our country. Our analysis is an initial qualitative investigation. Thus, through the theoretical contribution involving the terms accountability and political trust/distrust, we will see how there is an ambivalence of Carvalho, as a public figure with a certain level of influence, regarding his adherence to existing democratic institutions. In which there is an element of radical criticism directed at existing institutions in the country.

Keywords: Olavo de Carvalho; political mistrust; accountability; political culture.

[1] Mário Jorge de Paiva é doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

Resumen

Análisis introductorio sobre un elemento de la calidad de la democracia brasileña contemporánea: el ascenso político de Olavo de Carvalho como posible reflejo de la desconfianza política y la falta de accountability

Este artículo tiene como objetivo discutir la importancia del escritor/polemista Olavo de Carvalho en el marco de la política brasileña reciente. Nuestra hipótesis es que sus ideas radicales encontraron terreno fértil, ya que existen problemas relevantes que involucran la calidad de la democracia en nuestro país. Nuestro análisis estará guiado por una investigación política cualitativa y a través de un aporte teórico que involucre los términos accountability y confianza/desconfianza política, veremos cómo existe una ambivalencia de Carvalho, como figura pública con cierto nivel de influencia, con respecto a las instituciones democráticas existentes.

Palabras-clave: Olavo de Carvalho; Desconfianza política; accountability; Cultura política; Instituciones politicas.

Introdução

O presente artigo deseja fazer uma análise introdutória sobre o tema da qualidade da democracia no Brasil, tendo como uma de suas variáveis analíticas a abordagem sobre um autor, o qual ganhou espaço no campo do *saber* e do debate público como um crítico cultural e político. Aqui abordaremos então um escritor que desde a década de 90 possuía certo sucesso editorial e seguidores, mas que só alcançou seu maior sucesso com outro cenário político mais recente. Sendo esse autor, e grande polemista,[2] Olavo de Carvalho.

O nosso interesse sociológico em estudar Olavo de Carvalho é desenvolver o ator social e o seu entorno. Logo o presente trabalho deseja ver Olavo de Carvalho como um elemento desse cenário maior brasileiro, que nós relacionaremos com duas vertentes principais, dentro do momento político democrático. Estamos nos referindo à questão da *confiança política* e a questão da *accountability*.

Nosso trabalho deseja ser uma contribuição analítica qualitativa, que possa se somar à toda uma série de investigações relativamente recentes, nacionais e internacionais, que abordam o universo da direita política e suas diferenciações internas. Assim aqui estamos a pensar em trabalhos como: Ruy Fausto (2017), Jorge Chaloub (2015), Ariel Finguerut e Marco Souza (2018), Camila Rocha (2018), Marcos Quadros (2015), Jamerson Souza (2016), Lucas Patschiki (2012), Mário Paiva (2019), Andreas Fagerholm (2016), Briefing Paper e Sophie Gaston (2017), Annie Kelly (2017), Jacob Davey e Julia Ebner (2017), Manuela Caiani (2017), Giuliano Da Empoli (2019), Josnei Di Carlo e João Kamradt (2018), Dmitri Fernandes e Allana Vieira (2019) etc.

É um ponto de relevância apontar como se aprofundou no Brasil um cenário de crise. Uma crise, que assim aflorou problemas. Em 2013, seguindo uma onda global,[3] surgiram grandes manifestações contra o *status quo* e contra nosso sistema político. A confiança nas instituições estava ainda mais abalada diante de vários escândalos de

---

[2] Cf. Dmitri Fernandes e Allana Vieira (2019) e Manuel Petrik (2006).
[3] Cf. Manuel Castells (2013).

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

corrupção. Por exemplo: a sequência de fatos que foi se desenrolando com a Ação Penal 470, conhecida popularmente como Mensalão.[4]

Olavo de Carvalho, enquanto autor, aumenta sua popularidade com essa crise. E ele faz parte da crise, enquanto um ente social que ajuda o desenvolvimento dela. No *Facebook*, em seus livros, em seus vídeos no *Youtube* e nas ruas. Representou um dos principais símbolos de certo nicho da direita, que possui elementos antimodernos, se tendo em vista como o pensamento antimoderno mistura elementos da corrente conservadora e da corrente reacionária.[5]

Como sabemos, seguindo João Pereira Coutinho (2014), Mário Paiva (2019) etc., o conservadorismo não é o mesmo que uma mentalidade reacionária.[6] Porém como desvela Oscar Guardiola-Rivera e Francisco Louçã (2018) existe a possibilidade de um tipo conservador reacionário. E essa tipologia estaria assim tão longe do conservador antimoderno descrito por Ted McAllister (2017)?

Olavo de Carvalho não foi o único ator social a produzir tudo isso, mas ele possuiu seu papel. Logo quando João Fellet (2016) chama Carvalho de *parteiro da nova direita*, isso faz certo sentido. Do mesmo modo, faz sentido quando Ruy Fausto (2017), ao tratar da *ofensiva* da direita, começa por esse autor. Olavo de Carvalho é uma figura complexa. Já foi comunista, trabalhou como astrólogo, fez parte da *tariqa*[7] de Frithjof Schuon e ainda surgiu como um grande nome de tal Nova Direita Brasileira.

Carvalho trata o governo como ilegítimo e o sistema como uma fraude. Afirmou desejar *quebrar o sistema* e implantar no Brasil uma democracia plebiscitária, vide a da França de Charles de Gaulle (FELLET, 2016). E o estranhamento se aprofunda. Pois seria uma democracia plebiscitária a *democracia representativa efetiva*?

O problema de Carvalho com o Partido dos Trabalhadores, PT, envolve a participação de tal partido no Foro de São Paulo, o que, na visão de Olavo, tornava esse

---

[4] Mesmo com a reeleição da presidente Dilma Rousseff, em 2014, o começo de seu segundo mandato só agravou o cenário, com a *explosão* de uma crise econômica. As ações da Nova Matriz Econômica do governo falharam. O que, sem dúvida, influenciou uma série de manifestações contra o governo, as quais no fim desembocaram em um apoio, e uma pressão, por parte da população para o afastamento da presidente reeleita.

[5] Cf. Antoine Compagnon (2011).

[6] Para mais detalhes sobre o conceito de reacionário, ver Mark Lilla (2018).

[7] Confrarias místicas da religião islâmica.

grupo um membro de uma tentativa de revolução comunista na América Latina. E seu discurso sobre o Partido dos Trabalhadores, como uma entidade revolucionária, se espalhou. Algo que Pablo Ortellado e Esther Solano revelam ao apontar que 64,1% dos presentes em abril de 2015 em um dos protestos contra a então presidente Dilma Rousseff, na Avenida Paulista, concordavam com a afirmação de que o PT queria implantar um regime comunista no país e 55,9% respaldavam a afirmação de que o Foro de São Paulo queria criar uma ditadura bolivariana no Brasil (FELLET, 2016).

Outro elemento, somável ao anterior: Olavo pode ser favorável a um estado de exceção civil/militar, afinal já criticou as Forças Armadas, pois elas teriam sido *omissas* ao não realizarem tentativa de impedir a dita *revolução comunista*, do Foro de São Paulo (FELLET, 2016). E mesmo quando põe em questão o formato do planeta[8] ou se realmente existe uma pandemia de COVID-19,[9] o que vemos é uma estratégia política radicalizante. Similar a apontada por Giuliano da Empoli (2019) na Itália, nos EUA etc.[10]

Por radicalismo em política pensamos, por exemplo, em um conceito que não aponta para uma corrente determinada de ideias ou um partido específico. O radicalismo é uma base para o abandono de ideias temporizadoras e de táticas moderadas, com o objetivo de impulsionar algum processo vigoroso, radical, para a renovação de vários aspectos da organização política e/ou da vida civil (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1062).

Não abordaremos no presente artigo as análises de Carvalho sobre Filosofia, Esoterismo, Estética etc. Também sendo relevante apontar como não trataremos de todos os tópicos políticos comentados por Carvalho, então assim talvez possamos falar que o presente artigo aborda uma análise específica do descontentamento político com a qualidade da democracia brasileira atual.

Nossa hipótese é clara: o cenário de crise política/econômica abriu espaço para o maior sucesso de Olavo, o qual se *aproveitou* do cansaço e da descrença das pessoas

---

[8] Cf. Carvalho (2019).
[9] Cf. ISTO É (2020).
[10] Vale mencionar como Empoli, mesmo que de modo breve, cita o Brasil em seu livro.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

nas instituições. A agressividade, a crítica ferrenha ao progressismo, a polêmica etc., são os motivos pelos quais Olavo de Carvalho alcançou o sucesso que alcançou. Carvalho é um *case*, em termos de *marketing*, muito interessante para os estudiosos da comunicação cultural e política via redes sociais.

Em termos de metodologia, poderíamos falar que possuímos uma análise interpretativa e qualitativa, tendo por base uma leitura conjuntural do momento, somada a um aporte sobre a qualidade da democracia, que se foca principalmente em conceitos como: confiança/desconfiança política e *accountability*. Aqui pouco trataremos sobre processos históricos longos ou do aporte da Ciência Política que estuda partidos de direita propriamente ditos etc.

É relevante também apresentar como abordamos Olavo de Carvalho, enquanto uma das variáveis do estudo sobre certa perspectiva da direita nacional. O presente trabalho não possui qualquer proposta de tentar sintetizar a obra de tal autor ou realizar uma didática introdução ao polemista. Vale dizer que nossa visão de Carvalho se pauta, mormente, pelos seus livros, mesmo que também consideremos igualmente relevante, para entender seu aspecto político, acompanhar sua ação nas redes sociais da *internet*, local em que o radicalismo e a agressividade comunicativa ficam mais claros.[11]

Por que, exatamente, acreditamos ser muito importante acompanhar também sua ação na *internet*? Em primeiro lugar, pois, como dito, certos pontos de suas crenças pessoais ficam mais claros. Em segundo lugar, tópicos não abordados, ou pouco abordados nos livros, surgem de modo complementar. Como foi apresentado, nosso recorte de leitura envolve um período da obra de Carvalho entre 1994 e 2015. Assim se ficássemos só em seus livros, não enxergaríamos, por exemplo, seu forte apoio ao governo de Jair Bolsonaro, eleito em 2018. Em terceiro lugar, a *internet* é sua forma de interação mais direta com sua base de fãs.

---

[11] Lemos de tal autor: *A nova era e a revolução cultural* (1994), *O Jardim das Aflições* (1995), *O Imbecil Coletivo* (1996), *O futuro do pensamento brasileiro* (1998), *O Imbecil Coletivo II* (1998), a *Coleção história essencial da filosofia* (2002-2006), *A Dialética Simbólica* (2006), *A filosofia e seu Inverso* (2012), *Os EUA e a nova ordem mundial* (2012), *O mínimo que você precisa saber para não ser um Idiota* (2013) e os quatro primeiros volumes de *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil* (2013-2015). Isso se somou a assistir, de forma dispersa, algumas de suas aulas *online* e acompanhar, também de modo disperso, sua atuação na plataforma *Facebook* e no seu canal do *Youtube*.

O presente artigo se divide em quatro partes. Se iniciou com a *Introdução*, que possui como objetivo apresentar o universo investigativo em questão. Passa para uma segunda parte, que se chama *Qualidade da democracia dentro das chaves da accountability e da questão da confiança/desconfiança política*, na qual abordamos a qualidade da democracia, dentro de tais chaves. A terceira parte, *Olavo de Carvalho por um prisma da qualidade da democracia*, propõe uma possível leitura da ação de Olavo de Carvalho dentro do campo político. E fechamos com as *Considerações Finais*, que buscam refletir sobre o que foi apresentado, sempre se tendo em vista como este é apenas um estudo inicial e não uma investigação final sobre o tema proposto.

1. Qualidade da democracia dentro das chaves da *accountability* e da questão da confiança/desconfiança política

Se queremos explorar o tópico político no Brasil recente, é importante tratar da questão do sistema político democrático. Como é largamente sabido, o sistema democrático nem sempre foi hegemônico no planeta. Se pensarmos no caso clássico da Grécia Antiga, veremos como nomes importantes apresentavam dúvidas e questionavam o *governo do povo*. Tal dúvida também se estende até certos autores modernos, como Edmund Burke ou Vilfredo Pareto.

Mesmo para autores que aceitaram o governo democrático como modelo a ser recomentado, nós não podemos esquecer que esse sistema apresenta problemas e mesmo depois de tantas *ondas democráticas*, algumas questões continuam.

Se nós recorremos a Carole Pateman (1970, p. 1) veremos que mesmo termos básicos dentro de um quadro democrático, como *participação*, podem ser usados para se referir a uma grande variedade de situações, por diferentes pessoas.

Podemos pegar o conceito de participação e acreditar que ele possui um papel minimalista, pois há um risco inerente de uma participação popular exagerada (PATEMAN, 1970, p.1). E há, depois de certo momento histórico, toda uma preocupação com essa participação, para não descambar em um sistema totalitário. A autora relembra como o modelo nazista era baseado em uma participação de massas.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

Não poderíamos dizer que esse apontamento, de tais problemas, é elemento apenas percebidos por Pateman. Exemplos, de outros autores, com análises similares e complementares não faltariam. Gabriel Almond e Sidney Verba (1963, p.1) começam relembrando como o desenvolvimento do fascismo e do comunismo, depois da Primeira Guerra Mundial, revelou sérias dúvidas sobre a inevitabilidade do desenvolvimento democrático no Ocidente. Mas depois da terceira onda democrática, os cientistas políticos aumentaram o enfoque na questão da *qualidade da democracia*.[12]

Por tudo isso, ameaças ao que é democrático podem surgir exatamente de dentro dela, da democracia. De ideias de mais participação até, logo vemos riscos que a lógica plebiscitária de Carvalho pode trazer.

Andrew Roberts (2009, p. 25) ao tratar da questão, de uma concepção coerente de qualidade de democracia, aponta que devemos primeiramente distinguir o que é democracia do que é propriamente a qualidade da democracia. Aponta a democracia como um *set* de possibilidades formais para os cidadãos governarem, já a qualidade da democracia avalia se a governança do cidadão existe. O povo está controlando o governo ou eles estão sendo controlados?

A qualidade de procedimentos formais é a mais familiar maneira de se estudar as gradações dentro de uma democracia, sendo uma forma de medir o grau de como as eleições se mostram livres e justas e se os direitos civis estão sendo genuinamente protegidos (ROBERTS, 2009, p. 26). Um segundo aporte, para avaliar a qualidade da democracia, começa de uma concepção mais normativa. Ele se preocupa em ver que sem certas precondições, o procedimento democrático não pode cumprir sua promessa inteiramente (ROBERTS, 2009, p. 28). Vale ressaltar, como o autor faz, que ainda pode haver certa confusão por parte dos pesquisadores quanto a uma definição para medir a qualidade da democracia.

Sobre a qualidade da democracia, acreditamos que o texto de Larry Diamond e Leonardo Morlino (2004) se mostra especialmente didático e importante, para uma

[12] É importante apontar que um autor famoso a discutir uma nova onda democrática foi Samuel Huntington, referindo-se a uma terceira onda democrática, que varreu o mundo entre 1974 e 1990, em que dobrou o número de democracias no mundo. E tal evento parece apenas ter se ampliado ainda mais com o passar dos anos, após a queda do Muro de Berlim e com a falência do que poderíamos chamar de Comunismo Real.

introdução ao tema. Sobre a concepção teórica existente, nós podemos apontar, aportados em tais autores: 1 – Democracias aprofundadas são um bem moral. 2 – Reformas para melhorar a qualidade da democracia são essenciais para um governo durável e legítima com marcas consolidadas. 3 – Democracias mesmo longamente estabelecidas também precisam de reformas (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 20). E tais autores também se esquivam de uma concepção universalista do que seria uma boa democracia. Logo vemos como algumas questões apresentam certa relatividade e que dependendo dos métodos de pesquisa, do aporte teórico etc., os resultados esperados são variáveis.

De qualquer forma, há certos elementos que devem ser mantidos, independente de tais complexas questões, vide: liberdade, a regra da lei, *accountability* vertical, responsividade, equidade, participação, competição e *accountability* horizontal. E como essas formas de mensuração não são definitivas, também é possível acrescentar outras variáveis, como *transparência* e *efetividade da representação* (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 21).

Os autores citam que o uso do termo sugere três diferentes significados para qualidade, sendo que cada qual difere em implicações para os resultados empíricos das pesquisas. Por isso a qualidade pode se referir: ao procedimento, ao conteúdo[13] ou ao resultado[14] (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 21-2).

Para os autores a regra da lei se mostra a base, na qual toda outra dimensão da qualidade democrática se apoia. Há dúzias de democracias não liberais pelo mundo, em que as eleições competitivas e a participação popular coexistem com poderes abusivos e ilegalidade.

Uma condição de extrema importância para os autores, envolve uma difusão de valores liberais e democráticos, tanto para os níveis mais baixos quanto para as elites da sociedade, em que se deve existir uma burocracia forte em competência e imparcialidade, sendo esses tipos de valores legais difíceis de criar (DIAMOND;

[13] Voltado para características estruturais do caso, como o seu *design*, materiais, funções etc.
[14] A qualidade do produto oferecido como meio de se indicar a satisfação dos *clientes*.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

MORLINO, 2004, p. 23). Também não podemos acreditar que existe um governo perfeito em todos os aspectos apresentados. Há uma questão de *virtudes em tensão*, uma boa democracia seria aquela que consegue bons *trade-offs* e assim equilibra, de maneira complexa, uma síntese da democracia, do republicanismo e do liberalismo (DIAMOND; MORLINO, 2004, p. 30).

Agora desejamos explorar, mesmo que de modo introdutório também, o termo *accountability*. Tanto pelo fato de ser essa uma das vertentes da qualidade da democracia mais exploradas, e se isso ocorre não é sem razão, quanto pelo fato de tal termo não ser tão explícito quanto outras variáveis.

Accountability, para começar, não possui um consenso final sobre o termo. Mas para uma definição ortodoxa, diríamos que envolve uma obrigação para se responder por uma *performance* de deveres. Logo é um relacionamento entre duas partes (MULGAN, 2011, p. 1). Sendo que, como o autor também aponta, esse é um termo relativamente novo nos debates da Ciência Política, antes muitos preferiam conceitos como *responsibility*. Ainda sendo possível de equacionar outros termos, em seu lugar, como *transparency*. Definições parecidas, mas não totalmente iguais.[15]

A complexa estrutura de *accountability* existente, que circula pelos governos modernos, envolve tanto uma estrutura vertical de poderes, entre votantes e governo, como uma estrutura horizontal entre as instituições, que abarca um vasto conjunto de mecanismos institucionais (MULGAN, 2011, p. 5). Logo as eleições entram como uma das mais básicas ferramentas, em que a população está impondo o seu veredito. Essa influência indireta no governo possui enorme peso diante de governos impopulares. Mesmo que se outros elementos de tal estrutura estiverem faltando, esse importante instrumento pode se tornar bem menos eficaz. Além disso, uma eleição, como é bem

[15] Por exemplo, se escolhermos o conceito *transparency*, teremos de lidar com o fato de que alguns termos da *accountability* lidam com transparência, vide investigações feitas pela mídia ou inquéritos parlamentares, mas falta capacidade para impor sansões, deixando tal função para outras agências, como cortes ou ao Poder Executivo. Do mesmo modo, mesmo que *responsibility* seja um conceito próximo, temos de ter em mente que: tal termo é tipicamente referido a deliberações e ações internas de uma pessoa ou organização (MULGAN, 2011, p. 2).

sabido, pode ser dominada por *slogans* e retórica, que pode atrapalhar uma análise fria e sincera de um governo.[16]

Certos argumentos para se pensar em um ceticismo parcial diante dos mecanismos apontados são apresentados por Guilhermo O´Donnell (1998). Há países, como explicita o autor, que mesmo correspondendo às definições de Robert Dahl sobre poliarquias,[17] apresentam *accountability* horizontal fraca ou intermitente.[18]

É relevante entender que o Brasil, não por acaso, está em uma das posições mais baixas em níveis de adesão à democracia na América Latina, embora apresente altos índices de democracia eleitoral. Do mesmo modo, podemos ser classificados como uma *flawed democracy*, se seguirmos o *The economist intelligence unit's democracy index* de 2008 (D´ARAÚJO, 2009, p. 218-9).

Mesmo com a institucionalização crescente, essas instituições são carentes de confiança por parte considerável da população. E é necessário mencionar como o Legislativo é ainda apontado como portador de menor confiança no caso brasileiro, em relação ao Executivo e ao Judiciário (D´ARAÚJO, 2009, p. 221). O que se soma assim com certos elementos, apresentados por Marcos Quadros (2015), de que então a população termina por ter uma maior adesão aos grupos que representam uma ordem social. Assim o avanço de certos elementos da direita, envolve uma busca por ordem em um momento de crise, desconfiança.

No caso do Brasil vemos esse fato: uma estrutura democrática existente que convive com marcantes fatores de corrupção, patrimonialismo, personalismo etc. É toda

[16] Outro mecanismo de importância é o escrutínio legislativo, pois entre os períodos eleitorais essa é a ferramenta de talvez maior poder, dentro do quadro apresentado. Além dele, claro, temos as cortes. Falando ainda o autor sobre as auditorias, ouvidorias, mesmo ONGs e outros mecanismos. O que vai se somar com a importância de uma mídia livre e *accountability* em esferas internacionais.

[17] Cf. Robert Dahl (2005).

[18] Guilhermo O´Donnell (1998, p. 46) ainda aponta duas direções em que a *accountability* horizontal pode ser violada. A primeira violação se mostra a usurpação de uma competência legal por outra estatal. A segunda parte das vantagens ilícitas que uma autoridade pública obtém para si mesma ou para aqueles que estão, de algum modo, vinculados a tal pessoa. O primeiro modelo assim é chamado de *usurpação* e o segundo de *corrupção*.

uma fusão entre o moderno e o reacionário. O que parece levar ao desejo por uma ordenação social maior.

Sobre a questão da confiança/desconfiança: em linguagem comum, a confiança designa segurança de procedimento ou crença em outros com quem interaja e conviva o ator social em questão (MOISÉS, 2010, p. 82). E como tal fator é um jogo a existir com o comportamento alheio, sempre há a margem para imprecisão. Mas é importante frisar aqui que a confiança está vinculada por uma situação histórico-cultural determinada, assim variando no tempo e no espaço. Mesmo que não seja simples tentar colocar uma perfeita relação de causa e efeito, em que a confiança social se transpõe em confiança política e institucional de forma óbvia (MOISÉS, 2010, p. 85). A própria democracia nasceu de certa desconfiança em relação aos poderes e aos poderosos.

Por esses motivos, a democracia implica mais do que uma confiança cega, ela se volta para supervisão e monitoramento do governo, o que se soma com a *accountability* etc. Logo implica em uma desconfiança necessária, mesmo que esses níveis de desconfiança, por tudo o que já falamos até aqui, sejam variáveis.

Para a institucionalização da desconfiança, essa deve estar vinculada com uma cultura minimamente pautada na confiança e são as instituições democráticas que tornam isso possível (MOISÉS, 2010, p. 86). A burocratização da vida pública, os partidos pouco representativos e a corrupção possuem relevância nesse cenário também.[19]

Moisés aponta como destaque o baixo índice de atores sociais totalmente democratas do país, sendo até menor no Brasil do que em outros países da América Latina.[20] Logo também há um alto número de pessoas com posicionamento ambivalente

[19] Mesmo em democracias bem antigas vemos que a confiança vem caindo sistematicamente como é o caso, inclusive, dos Estados Unidos. Ponto bem descrito por Eric. M. Uslaner em seu texto *Democracy and social capital.* Ao apontar como em 1960, 58% dos americanos acreditavam que *se deveria confiar na maioria das pessoas*, índice esse que cai, pois em 1994 e 1995 vemos como pouco mais de 35% dos americanos possuíam tal fé em seus concidadãos. Discutindo Uslaner a diferença entre uma confiança voltada para dentro de um determinado grupo e a confiança no todo da sociedade.

[20] Na aferição do Latinobarômetro vemos como foram considerados *democratas* os entrevistados que concordavam que a democracia é o melhor sistema de governo, malgrado seus problemas. Foram considerados *autoritários* aqueles entrevistados que discordavam da afirmação de que a democracia é o melhor sistema de governo e que preferiam um governo autoritário em algumas circunstâncias. E é apresentado o tipo *ambivalente* como os pesquisados que mesmo considerando a democracia a melhor forma de governo, aceitavam que em algumas circunstâncias um governo autoritário seria melhor opção. Ou que acreditavam que tanto faz um sistema democrático ou autoritário de governo (MOISÉS, 2010, p. 98).

frente à democracia, pois não são contra, mas possuem dúvidas se esse é *the only game in town* (MOISÉS, 2010, p. 100).[21]

Assim os pontos se juntam, pois a análise dos dados, estudados por Moisés, aponta para a existência de uma conexão entre: a ambivalência diante dos valores democráticos, a insatisfação com o governo e a desconfiança em relação às instituições políticas. A experiência de práticas de corrupção, sem meios institucionais de controle efetivo, ajuda na escolha de tantos por modelos *sem partidos* ou *sem Congresso* (MOISÉS, 2010, p. 116).

2. Olavo de Carvalho por um prisma da qualidade da democracia

Usemos duas falas de Carvalho para demonstrar o *desgaste* e o *cansaço* em relação à política, que ele apresenta e seus leitores se identificam, em algum nível.

> Eu sempre disse: "o problema não é o PT. É a classe política inteira". [...] parte de 2015, quando tinha 2 milhões de pessoas na rua e 95% da população contra o governo, era o momento de derrubar a classe política. Era o momento de invadir os prédios das instituições e derrubar todo mundo e forçar novas eleições. Agora eu já não sei mais o que é para fazer, porque as inteligências brilhantes se contentaram com o *impeachment* (CARVALHO, 2017).
> Com o PT não tem jeito, nada tem jeito com o PT, nem o próprio PT evidentemente. Tem que tirar essa porcaria daí é já. E por quaisquer meios concebíveis. Não é isso? Se possível dentro da legalidade, né? Mas que tem que sair, tem que sair, de qualquer maneira. O que esses camaradas fizeram não têm desculpa. [...] Só por isso, só pela obra do PT na educação, esses camaradas tinham que ser mandados para casa, com um pontapé no traseiro, para nunca mais voltar. [...] Tem que tirar da vida pública para sempre (CARVALHO, 2015).

Aqui o que vemos é um quadro, no qual o autor mais do que criticar as instituições, quer uma transformação radical, que iria abalar a continuidade de nossas regras dentro do sistema democrático, como o conhecemos. O que o diferencia do

[21] Esses ambivalentes podem apoiar as soluções voltadas para intervenções militares e alternativas também vistas como não democráticas (MOISÉS, 2010, p. 102).

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

conservadorismo tipicamente reformista, apresentado, por exemplo, pelo pensamento de Edmund Burke (2012).

Assim essa deslegitimação das instituições pode ser usado para alimentar alternativas antidemocráticas. O que nos faz voltar a Olavo de Carvalho como um radical, o qual ganha força nesse cenário. Pois tal autor mesmo que não deseje ser alguém explicitamente autoritário, apresenta elementos da ambivalência comentada. Ao pedir medidas de exceção contra certos partidos, independente dos meios, para tirá-los do poder.

Outro elemento: Olavo de Carvalho cria polêmicas com uma facilidade incrível, ao desvalorizar de maneira exagerada as universidades brasileiras, a mídia etc. Desejando colocar em questão certas fontes socialmente legítimas de conhecimento, por irem contra suas leituras e narrativas, em um viés de confirmação, bastante claro, em certos momentos. Além dos elementos, igualmente claros, de uma ampla agressividade argumentativa.

O fato de possuir elementos antimodernos, nos parece ser igualmente um fator para uma tentativa de deslegitimar muito do saber filosófico que se deu com o Renascimento, com o Iluminismo etc., afinal com o tempo houve uma dissociação considerável da Filosofia em relação ao campo religioso. E dentro de sua visão de mundo, o ateu e o agnóstico são pessoas a compartilharem *burrice* (CARVALHO, 2006). Aceitando, em certos momentos, a narrativa religiosa como algo autoevidente e criticando a Teoria da Evolução de modo problemático, para qualquer pessoa que possua uma familiaridade mínima com o tema. Olavo de Carvalho coloca, por exemplo, em dúvida a eficiência da Datação por Carbono-14, mas ele pouco entende de como é feito tal processo, apresentando-o de forma claramente errada.[22] [23]

Esse tipo de visão de mundo em que o discordante é tipicamente burro, maluco, conspirador, psicopata ou analfabeto funcional, só desvela uma mentalidade não totalmente aberta ao diálogo com a alteridade. Além de existir um desejo de, em termos argumentativos, se aproveitar da falácia do *envenenamento do poço*, em que muito do

[22] Cf. Carvalho (2019).

[23] Para uma leitura mais apurada da medição por Carbono-14, vale conferir: Richard Dawkins (2009).

que Olavo faz, visa desacreditar, ridicularizar, seus adversários, em um viés de confirmação para seus leitores.

Uma série de movimentos sociais são atacados por Olavo, assim, além de tudo, ele apresenta elementos que o fazem ser considerado como preconceituoso por partes de tais grupos. Vale lembrar como o diálogo e os movimentos sociais são parte do funcionamento democrático, no sentido que movimentos sociais são setores da sociedade civil. Aqui não nos cabe apontar toda a polêmica, porém apenas mais uma citação, pode demonstrar o quão negativa pode ser a percepção de Carvalho sobre a luta de outros setores da sociedade que não são os seus.

> Os *gays* encontram talvez menos satisfações no seu tipo peculiar de jogos sexuais do que nos mitos lisonjeiros que cultivam a propósito de sua comunidade. Um desses mitos é o de que são marginalizados e perseguidos. [...] Para cada caso de violências cometidas contra homossexuais, pode-se citar outro de violência cometida *por* homossexuais. A choradeira de minoria oprimida são lágrimas de crocodilo (CARVALHO, 1999, p. 234).

Referimo-nos aos grupos de lutas *gays*, mas poderíamos recortar citações de Olavo se manifestando contra feministas, ateus, grupos científicos etc. Assim, mesmo que não em todos os casos, Olavo trabalha com uma lógica de decadentismo intelectual dos seus adversários,[24] conspirações, vide a ideia de que cigarro não faria mal à saúde, etc. Opiniões que por serem defendidas com retórica, certo carisma, com certo aporte e diante de um cenário de crise, desconfiança, instituições falhas e um momento de maior mentalidade dual em política,[25] gera o apoio ao autor.

Olavo enquanto uma figura pública pode apresentar e incentivar posturas não respeitosas com seus adversários e de mencionado radicalismo. Se formos considerar como típicas virtudes conservadoras a prudência e a humildade, Olavo se mostra pouco conservador nesse sentido, mesmo que seja de direita. Vale aqui lembrar como a direita

[24] Em uma apresentação errada de dados, baseada no INAF 2015, *Analfabetismo no Mundo do Trabalho*, chegou o autor a afirmar que 80% dos universitários brasileiros são analfabetos. Ver Filipe Martins (2017).

[25] Direita x esquerda, *coxinhas* x *petralhas* etc.

N. 19, 2020: e158671, pp.1-20

é uma categoria genérica para englobar diferentes grupos, algo tratado, em algum nível, em Mário Paiva (2019).

Considerações Finais

Como vimos no presente artigo, o campo da análise política, sobre qualidade da democracia, se desvela muito amplo. Assim sendo nosso presente artigo não demonstrou uma pretensão de esgotar o tema, tendo por foco uma análise, introdutória, de um ator social que mesmo popular, enquanto escritor, ainda se desvela um ente social que foi pouco estudado pelas universidades. Como apresentamos, o presente artigo é um diálogo com todo um aporte recente que estuda o fenômeno da direita no mundo contemporâneo.

Por isso Olavo de Carvalho possui muito a nos dizer enquanto um polemista, que reflete o descontentamento de uma parte da sociedade com nossa cultura política e nossas instituições. Um descontentamento que, por tudo que foi mostrado, apresenta elementos de radicalismo, em relação ao pensamento conservador clássico, moderado, de Edmund Burke. Por isso não escolhemos a análise de Carvalho enquanto um *puro* pensador conservador, mas como um ator social que mescla mais de uma tradição de direita, incluindo assim também elementos relevantes de pensamento antimoderno.

Nossa conclusão é: Olavo de Carvalho se mostra um desses agentes sociais que crescem diante de cenários de crise, por seu carisma e por representar um nicho da população que está cansada das coisas como estão. Valendo ter em mente como nossa presente análise foi uma abordagem qualitativa, que pouco se utilizou de dados quantitativos, tendo por base uma análise que também não é propriamente historiográfica.

Enquanto houver problemas institucionais, na gravidade dos existentes, e enquanto a cultura política brasileira continuar possuindo essa forte mentalidade de descrença, e mesmo posição dúbia, certos radicalismos não se mostrarão como exceções, mas como lugares comuns, a afetarem as camadas da sociedade, em maior ou menor grau.

Como dito a análise se pautou em apenas um elemento de Olavo de Carvalho enquanto um polemista e um ator social com ideias políticas mais radicais, assim não

abordamos seus trabalhos sobre Filosofia, Esoterismo etc. Nosso recorte de análise foi outro, isto deve ficar claro também.

Referências bibliográficas

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The Civic Culture**: Political Attitudes and Democracy in Five Nations. California: Sage Publications, Inc, 1963.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BURKE, Edmund. **Reflexões Sobre a Revolução na França**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

CAIANI, Manuele. Radical right-wing movements: who, when, how and why?. **Socopedia.isa**, 2007. DOI: 10.1177/205684601761.

CARVALHO, Olavo. 276 - Isaac Newton, Gravidade e o Formato da Terra. **Bruno S. Alves**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=16qd2IvhjSI. Acesso em: 22 de nov. de 2020.

CARVALHO, Olavo. **Coleção História Essencial da Filosofia – Aula 13***:* Filosofia cristã. São Paulo: É Realizações, 2006.

CARVALHO, Olavo. **Entrevista com "O Jardim das Aflições" | The Noite (30/05/17)**.31_mai._2017.Disponível_em:_https://www.youtube.com/watch?v=eAimet7g1to. Acesso em: 17 de mar. 2017.

CARVALHO, Olavo. **O imbecil coletivo**: Atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Faculdade da Cidade, 1999.

CARVALHO, Olavo. **Olavo de Carvalho na TVEJA: 'O comunismo foi fundado por meio de assalto e corrupção'**. 15 mai. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Mmh4YWprls. Acesso em: 5 de jan. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada**: a UDN e a República de 1946. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARLO, Josnei Di; KAMRADT, João. Bolsonaro e a Cultura do Politicamente Incorreto na Política Brasileira. **Teoria e Cultura**, vol. 13, n.2, p.55-72, 2018. DOI: 10.34019/2318-101X.2018.v13.12431.

COMPAGNON, Antoine. **Os antimodernos**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.

COUTINHO, João Pereira. **As Ideias conservadoras**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

DAHL, Robert. **Poliarquia**: participação e oposição. São Paulo: Edusp, 2005.

D´ARAÚJO, Maria Celina. Sobre partidos e qualidade da democracia no Brasil. **Desigualdade & Diversidade**, n. 5, p.217-238, jul., 2009.

DAVEY, Jacob; EBNER, Julia. The Fringe Insurgency – Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right. **ISD, Londres**. Disponível em: https://www.isdglobal.org/isd-publications/the-fringe-insurgency-connectivity-convergence-and-mainstreaming-of-the-extreme-right/. Acesso em: 26 de out. de 2020.

DAWKINS, Richard. **O maior espetáculo da terra**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

DIAMOND, Larry; MORLINO, Leonardo. The Quality of Democracy: An Overview. **Journal of democracy**: v. 15, n. 4, p. 20-31, out. 2004. DOI: 10.1353/jod.2004.0060.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAGERHOLM, Andreas. **Comparing far right and far left parties in contemporary Europe**: a set-theoretic approach. 7 de set. 2016. Disponível em: https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/795cee26-7680-4436-9cc0-0f893fd2307c.pdf. Acesso em: 26 de out. de 2020.

FAUSTO, Ruy. **Caminhos da esquerda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FELLET, João. Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. **BBC Brasil**. 15 dez. 2016. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897 . Acesso em: 5 jan. 2017.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade. Especialistas, polemistas e jornalistas. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n.1, p. 157-182, jan. 2019. DOI: 10.25091/S01013300201900010005.

FINGUERUT, Ariel.; SOUZA, Marco Araújo Dias. Que Direita é Esta? As Referências a Trump na Nova Direita Brasileira Pós-Michel Temer. **Revista TOMO**, n.33, jul. 2018, p.229-270. DOI: 10.21669/tomo.v0i33.9357.

GASTON, Sophie; PAPER, Briefing. **Far right extremism in the Populist Age**. Disponível em: https://www.demos.co.uk/wp-content/uploads/2017/06/Demos-Briefing-Paper-Far-Right-Extremism-2017.pdf. Acesso em: 26 de out. de 2020.

GUARDIOLA-RIVERA, Oscar; LOUÇÃ, Francisco. O avanço do conservadorismo reacionário. **Jornada Internacional de Pesquisadores (VI JIPA)**: Lutas e resistências ao conservadorismo reacionário. Fórum de Ciência e Cultura UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 26 de mar. 2018.

ISTO É. "Essa epidemia simplesmente não existe", diz Olavo de Carvalho sobre coronavírus. **Isto É**. 23 de mar. 2020. Disponível em:https://istoe.com.br/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho-sobre-coronavirus/. Acesso em: 22 de nov. de 2020.

KELLY, Annie. The alt-right: Reactionary rehabilitation for white masculinity. **Eurozine**. 15 de set. 2017. Disponível em: https://www.eurozine.com/the-alt-right-reactionary-rehabilitation-for-white-masculinity/. Acesso em: 26 de out. de 2020.

LILLA, Mark. **A mente naufragada**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MARTINS, Felipe. Em Harvard, Olavo de Carvalho prova que 80% dos universitários brasileiros são analfabetos. **Senso Incomum**. 7 de abr. 2017. Disponível em: http://sensoincomum.org/2017/04/07/olavo-de-carvalho-harvard-universitarios-analfabetos/. Acesso em: 5 de jan. 2017.

MCALLISTER, Ted. **Revolta contra a Modernidade**. São Paulo: É Realizações, 2017.

MOISES, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia – Lições da experiência brasileira. In: MOISES, J. A. (org). **Democracia e confiança**: Por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas? São Paulo: EDUSP, 2010.

MOISES, José Álvaro. Cidadania, confiança e instituições democráticas. **Lua Nova**, n.65, ago. 2005, p. 71-94. DOI: 10.1590/S0102-64452005000200004.

MULGAN, Richard. Accountability. In: BADIE, B.; BERG-SCHLOSSER, D.; MORLINO, L. (orgs). **International encyclopedia of political science**. California: SAGE Publications, Inc., 2011.

O'DONNELL, Guillermo. *Accountability horizontal e novas poliarquias.* **Lua Nova**: n.44, 1998, p. 27-54. DOI: 10.1590/S0102-64451998000200003.

PAIVA, Mário Jorge de. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais (Cadecs)**, vol. 7, n. 1, 2019, p. 90-106.

PATEMAN, Carole. **Participation and Democratic Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia**: O Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2012.

PETRIK, Manuel. **O duelo verbal**: um estudo sobre o polemista no jornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

QUADROS, Marcos Paulo Reis. **Conservadorismo à brasileira**: sociedade e elites políticas na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

ROBERTS, Andrew. **The Quality of Democracy in Eastern Europe**: Public Preferences and Policy Reforms. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises'**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2016.

USLANER, Eric M. Democracy and social capital. In: WARREN, M. E. (org). **Democracy and trust**. Cambridgeshire: Cambridge University Press, 1999.

Tramitação do artigo na revista
Submetido: 04/06/2019
Revisões requeridas: 01/04/2021
Versão revista: 12/07/2021
Aceito: 13/11/2021